O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE BELO MONTE NA FALA DE UMA JOVEM XIKRIN

*Ngrenhdjam Xikrin*¹

*Depoimento dado a Clarice Cohn e Camila Beltrame,
em Altamira, em português*

Transcrição de Camila Beltrame

Essa barragem, eu acho que é ainda muito pouco tempo que ela está sendo estudada. Acho que tinha que ter mais tempo, para a gente poder compreender mesmo, conhecer mesmo essa barragem, saber como ela funciona. E a gente está vendo que o governo está atropelando tudo, os nossos direitos.

Acho também que tinha que fazer uma boa estrutura, principalmente para esse povo da Volta Grande do Xingu, que não está tendo água para beber. Tem que beber água do Xingu porque eles não têm água potável. Acho principalmente que a empreendedora, que quer fazer a barragem, tem que primeiro fazer as coisas para esse povo que está sofrendo muito.

Outra coisa, seria muito bom que a empreendedora fizesse material nas línguas indígenas. Essa barragem está sendo construída e muitos dos povos indígenas daqui falam apenas a língua materna. Se na nossa região tem nove etnias, tinha que

1 Ngrenhdjam é da aldeia Pukajakà, da Terra Indígena Trincheira-Bacajá, e atualmente é estudante do Ensino Médio de Altamira e futura advogada.

ser nove traduções para que cada aldeia seja bem-informada, porque talvez esse material traduzido pudesse ajudar os velhos e as mulheres que não entendem bem. E esses tradutores poderiam fazer vídeos, cartilhas e ir acompanhando a obra, cada detalhe da obra, o material sobre tudo de Belo Monte. Traduzir todo o material de Belo Monte, isso é muito importante. Acho que isso tinha que ser a primeira condicionante dada para a Norte Energia e que tinha que ser já cumprida. Porque para mim comunicação é isso, porque isso de rádio estar falando português não faz sentido. O sistema de comunicação implantou não sei quantos rádios, e eles pensam que com isso já estão fazendo comunicação, porque eles pegam o boletim, o livro e ficam lendo e falando “você têm que me acompanhar nesta página”, e fica difícil. Porque o pessoal nem consegue acompanhar, nem falar para a comunidade, porque tem pouca escolarização. Porque esse eu acho que não é o jeito certo, acho que o jeito certo seria esse que eu falei.

Quanto à educação nem sei por onde começar. A educação na nossa região é muito precária e não tem ensino bom nas aldeias. Estou até procurando palavras, porque, você sabe, a educação está tão ruim. Na verdade nas aldeias precisa de professores indígenas, porque isso ainda não é uma realidade. A gente gostaria de ter, mas ainda não tem. É bom para a educação e para a própria comunidade. E o ensino fundamental que na aldeia tem até a 4ª série, se quiser continuar a estudar tem que ficar repetindo mesmo, ou ficar parado. Ou então, tem essa outra alternativa, vir para a cidade e encarar o mundo do *Kuben* (homem branco), como eu fiz. E quando a gente sai da aldeia para a cidade a gente não tem apoio da Funai, nem de outras instituições, nem de ONGs, nem de nada, a gente tem que se virar. Com essa barragem que está acontecendo, que já está se concretizando, e a gente na aldeia sem professor. Esse empreendedor já poderia ter dado um jeito de ter esses professores indígenas na aldeia porque a gente

necessita muito. Já tinha que ter na aldeia o ensino de 6^a ao 9^a ano, que ele foi planejado para começar esse ano e não começou. Eles tinham também que apoiar os alunos, tanto os que já estão na cidade estudando quanto os que estão nas aldeias.

Agora vou falar sobre o magistério indígena. Ele é muito bom para nós aqui da região para ter professores indígenas. Mas eles ainda não concluíram, e essa formação do magistério indígena é muito importante para as comunidades.

Sobre a saúde, a primeira coisa: eu acho que uma coisa fundamental para ter nas aldeias eram os postos de saúde, que uns precisam de reforma e uns precisam de construir. E se não tiver educação indígena para ter Agente Indígena de Saúde, as comunidades não vão para frente porque sempre terá *Kuben* lá. Se tivesse educação funcionando, teria já técnico de enfermagem indígena. Isso de educação e saúde juntos seria muito importante. Eles pegam técnicos de enfermagem ruins, que muitas vezes ficam um mês na aldeia e vão embora. Ou que nem querem ir para a aldeia quando ficam sabendo que vão lidar com índios. O maior problema com os técnicos de enfermagem é com o substituto, às vezes nem consegue substituto. Isso é muito complicado, se tivesse técnico de enfermagem indígena, nem precisaria ficar trocando assim. E os técnicos não sabem falar as línguas indígenas e muitas vezes não entendem o que os índios falam, ou os remédios que pedem, ou a dor que têm. Se tivesse do 6^a ao 9^a ano na aldeia já podia ter técnico de enfermagem indígena. Seria um socorro da educação com a saúde.

Vou falar também dos hospitais, que está uma coisa horrível. Que com essa barragem nem construíram outro hospital nem reformaram (o que já existe). Não é só nós, indígenas, que não conseguimos, o próprio pessoal da cidade não consegue vaga ou leito no hospital. Tinha que ser construído ao menos mais três ou quatro hospitais, porque vem muita gente trabalhar na obra e às

vezes o indígena precisa ser internado e não tem leite. Não é só um problema do indígena, mas de todo povo de Altamira.

Uma coisa que é muito importante falar, mas muito complicada, é o alcoolismo. Está muito difícil. Na verdade o alcoolismo sempre existiu, mas não era tanto como hoje, hoje está demais. Primeiro porque o pessoal está vindo muito da aldeia para ficar na cidade e começa a beber, às vezes até de dia tem índio bêbado aqui. E é muito complicado, e eu acho muito triste meu povo estar nesta situação. É isso, um fim sem fim, porque sempre vai surgir mais alguma coisa para contar.